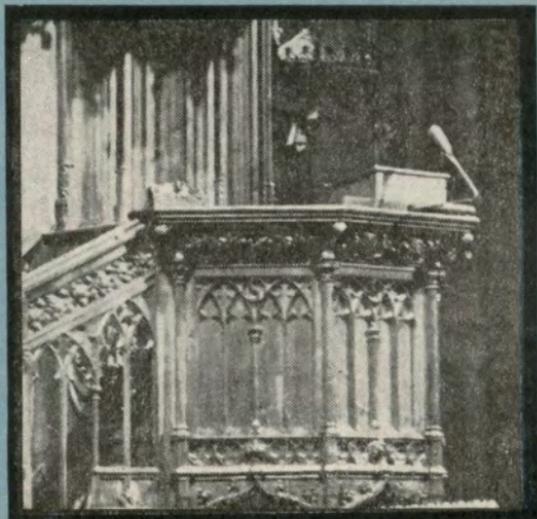


esperança



CEI
SUPLEMENTO - 7



CEI SUPLEMENTO N.º 7

MARÇO — 1974

Publicação de **Tempo e Presença**
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Domicio Pereira de Mattos

REDATOR:

Carlos A. C. da Cunha

CONSELHO REDATORIAL:

Rubem A. Alves

Ana Vitória de Toledo Barros

Elter Maciel

Paulo César Loureiro Botas

Jether Pereira Ramalho

IMPRESSÃO:

Principes Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 30,00
Cheque pagável no Rio de
Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 3,50

ÍNDICE

EDITORIAL	1
A TENTAÇÃO	2
DOMINGO DE RAMOS	5
JUBILATE	8
ASCENSÃO	10
DIA DAS MÃES	13
SEMANA DA UNIDADE	
CRISTÃ	15
PASTORAL	17
CEIA DO SENHOR	19
CELEBRAÇÃO E CULTO ..	21
DIA DA REFORMA	24
DIA DA BÍBLIA	26
VELHO E NOVO	28
UMA CRÔNICA:	
Liberdade Cristã	30
ENTREVISTA:	
É possível ser cristão	
fora da Igreja?	31
RESSURREIÇÃO	capa 3

Uma data: 11 de março de 1973.

Alguém morreu e não houve ponto final; alguém morreu e continua presente. Nossa revista, toda a constante de nossas publicações, não pôde aceitar o ponto final também, e — “re-encantada” pela visão do “não verão a morte” de Jesus — pretendeu e pretende prosseguir com o texto-vida que vinha sendo escrito.

Março — e recebemos um telefonema de Juiz de Fora. Alguém que não supúnhamos dizia, pelo fio, que o Setor de Cultura da Prefeitura da Cidade desejava fazer uma publicação especial sobre a vida e obra de outro alguém que — após a morte, naquele 11, daquele março — tinha transposto todas as barreiras e muros das vidas de 200 mil habitantes e se tornara muito mais presente depois de ausente. Queria pois a Prefeitura que fornecêssemos outros materiais para a referida publicação memorial. Fornecemos.

Nós também já estávamos pensando nisso, mesmo a fim de pagar promessa feita a nossos leitores. Aquele março daquele 73 não é de se esquecer assim tão fácil. Este número pretende deixar claro precisamente isso.

E por isso Breno volta a ocupar sozinho nossas páginas. Toda a nossa equipe desejou e pensou assim. Também no Departamento de Cultura de sua última cidade, um secretário pensou e comungou conosco.

Não é adoração ao Breno senão que a presença não-arredável dele. É, antes de mais nada, a adoração ao Deus de Jesus Cristo que ele, Breno, proietou. Ele, o irmão, é dos que “mesmo mortos ainda falam”.

Nos sermões e textos que desta vez estamos selecionando, houve por objetivo mostrar o pastor falando de Ceia, Dia das Mães, Dia da Reforma. O pastor dos sermões para ocasiões especiais. O pastor em sua vivência do Calendário Cristão.

Este número é uma contribuição aos púlpitos, às classes de religião, à reflexão individual. Planejamos celebrações e convidamos o Pastor Breno Schumann para falar. Como sempre, ele aceitou.

Nota: No número 4, dedicado ao Breno, na página 2, saiu 11 de maio de 72. O princípio deste Editorial faz a retificação.

A T E N T A Ç Ã O

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.

Porque Deus sabe que no dia em que dele comeres se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu.

Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira, e fizeram cintas para si.

Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim.

E chamou o SENHOR Deus ao homem, e lhe perguntou: Onde estás?

Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo e me escondi.

Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?

Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi.

Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.

A história que acabamos de ler: descrição de fenômeno (acontecimento) humano. Enquanto existirem pessoas neste mundo, essa história vai se repetir continuamente. Porque é uma história que fala de culpa e castigo. Todos os homens falham, erram, praticam o mal. E todos os homens colhem as conseqüências, os resultados do mal praticado. Se a gente quisesse dizer em poucas palavras o assunto da história que acabamos de ouvir, podia-se resumir da seguinte maneira: **assim são as pessoas! Todas as pessoas!**

E por que as pessoas erram, falham, fracassam? Por que é que aquele sujeito teve de fazer uma coisa dessas? Por que é que eu sou assim? Não só na minha função de pastor, mas especialmente nestes nove anos de pastorado, eu tenho tentado compreender as histórias de muitas vidas humanas. Algumas dessas histórias são verdadeiramente espantosas. No fundo, sempre a mesma roda viva: se não é o dinheiro, é o sexo: se não é sexo, é a língua que não pode parar: se não é a língua é qualquer vício. Mas voltando atrás no tempo e na recordação, ninguém queria causar prejuízo ao bolso do outro: ninguém queria mudar de cama e de casa: ninguém queria manchar a honra alheia: ninguém queria se tornar um escravo de ninguém nem de nenhuma coisa.

E se ninguém queria, como é que aconteceu? Aconteceu e acontece, minha gente, porque a vida é diferente das novelas de TV. O cabelo nunca aparece na frente da gente, com rabo e chifres, dizendo: "Como é que é, meu? Seja homem!"

Na vida, em geral tudo começa com uma conversa macia, simpática. Por exemplo: "Mas, meu amigo, nós só o estamos convidando para uma reunião de oração. É claro que você não precisa deixar sua igreja. Nós

estamos desejando que você enriqueça sua vida espiritual. Você vai ter grandes bênçãos. Venha ouvir os testemunhos inspiradores do missionário. Venha contar sua experiência com Cristo." — Todos devem reparar, no texto do Evangelho que o tentador só usa versículos bíblicos, para passar a conversa em Jesus. — Nenhuma tentação da vida é grossa, direta, boçal. Pelo contrário: a primeira máscara da tentação sempre é religiosa.

Ou então o papo é lógico: "Vamos pensar com calma, rapaz, afinal você é inteligente. O seu corpo é seu, você tem corpo é para usar; não vai deixar enferrujar, né mesmo? Quando seu sangue começa a esquentar nas veias, quem é que botou esse sangue em você, heim, heim? Não foi Deus? É uma coisa muito natural! Que é que você está esperando?"

Pois é: E quem é que não embarca num papo desses? Vejam e recordem estas frases: "O pessoal que vai à igreja não é melhor que os outros, bem pelo contrário — Eu rezo em casa e Deus também está perto de mim — Eu acredito em Deus, respeito todas as crenças, acho que todas as religiões são boas — Aquela senhora muito simples, mas muito cem por cento, faz tudo em nome de Deus; quando ela me benzeu até falou em Jesus — Pois é, consultei mais de cinco médicos e nenhum me curou: fui duas vezes lá na dona Coisa e tal — são-zinho!" — "E por acaso Deus quer que a gente só pense nos outros? Deus também quer que a gente cuide um pouco de si, uai." Nós todos conhecemos esse tipo de conversa. É conversa fiada até o momento em que toca num ponto fraco da gente. A tentação nunca procura acabar com tudo de uma vez. A tentação sempre se fixa naquela uma fruta daquela uma árvore proibida.

E quando alguém pensa: "Ora, uma vez só — só aquele tiquinho" — começa a roda viva.

Todos nós temos lugar para Deus em nossas vidas. Nós até gostamos, em geral, de ver Deus passeando no terreno de nossas vidas. Mas lá atrás de algum verde, sempre tem alguma coisa escondida, só uma. E lá, naquele ponto, nós não queremos Deus. Deus pode exigir tudo de nós — menos "aquilo".

Sim, e se aquilo fosse uma **questão de vida ou morte?** Se justamente aquilo pudesse arruinar minha vida ou a vida de outros? Afinal, com fogo não se brinca! É perigoso abusar de Deus!

Mas para isso a tentação também tem resposta: "Você leva as coisas muito a sério. Desse jeito você vai arruinar seu fígado! Vai pegar úlcera no estômago! Vamos lá, deixa de biscoito... Ninguém morre assim no mais! Tem tanta gente que ainda nem conhece o cavanhaque do pastor — e continuam vivendo por aí.

E tem mais: Se Deus não permite mais nada de bom, nesta vida, então Deus também não pode ser bom! — Os irmãos percebem: Quando a dúvida se instala na gente, todo o resto é uma questão de tempo. E então alguém morre, depois de uma longa e cruel enfermidade. E alguém pergunta no velório: Se Deus é bom, como é que ele pôde permitir uma coisa dessas?

A dúvida é a segunda máscara da tentação. Porque a dúvida destrói a confiança. Quando alguém começa a levantar, a se mexer, a espalhar dúvidas, está matando a confiança. Por isso é que a Bíblia diz que a difamação é o mesmo que um assassinato. Tudo começa com um cochicho. Um pequeno gesto. Uma fruta só. Uma coisinha de nada.

Sim, no começo era uma coi-

sinha de nada. No fim, de repente, vem a hora da vergonha e do medo. No começo, a gente achava que tinha o direito de fazer e deixar de fazer. No fim, de repente, a gente só pode ainda se esconder. A gente nota que está nu. Nu e descoberto, diante de Deus e diante dos outros. E sempre chega o momento da verdade, nesta vida. Aquele momento em que não adianta mais tentar tapar o sol com a peneira.

Não adianta? Mas a gente pelo menos tenta. É uma técnica bem conhecida: a gente empurra a culpa pra cima dos outros. Na hora do erro, do pecado, nós nunca queremos estar sozinhos. Nós procuramos cúmplices. A maldade precisa se espalhar, como erva daninha, como doença contagiosa, como o mau cheiro da coisa podre. Mas quando a bomba explode, quando começa o salve-se quem puder, um atira a batata quente pra cima do outro.

E quando todos escapam, resta uma última acusação: A desgraça toda começou com esta mulher. E quem é que colocou esta mulher no meu caminho, na minha vida? Não foste tu, Deus? A história toda começou com aquela tentação, com aquela uma fraqueza. E quem é que me fez assim? Não foste tu, Deus?

O último jogo de empurra, em nossa vida, sempre acaba assim: Deus é o culpado. Deus tem de ser o culpado. Nós sempre queremos ser os pobres inocentes. As "vítimas".

Os irmãos notam: a história de Gênesis, cap. 3 não é só uma história besta e conhecida, de Adão e Eva, e a cobra e a maçã. No fundo, é a história da vida de todos nós. É a história de nossa vida aqui (em Juiz de Fora).

Ainda precisamos perguntar "por quê"?

(Juiz de Fora — 20-2-72)

DOMINGO DE RAMOS

Tendo Jesus falado estas cousas, levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti;

assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.

Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra.

Agora eles reconhecem que todas as cousas que me tens dado, provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.

(João 17.1-8)

Se alguém de nós ficasse sabendo, um dia, que vai morrer em breve, qual seria sua atitude? Indiferença? Angústia? Desespero? Alívio? Seria um atropelo geral, para pôr tudo em ordem? Haveria tentativas meio constrangidas de reconciliação com velhos inimigos?

Nós acabamos de ouvir as palavras que um homem dirige a

seu Deus, nos últimos momentos de vida. Este homem sabia que iria morrer. Sabia até que tinha de morrer. Sabia que dentro de poucos instantes seria preso. E que então viriam interrogatórios e torturas. E a farsa de um processo forjado, porque a sentença já estava combinada com antecipação: pena de morte.

Sabendo tudo isso (e deve ser

difícil saber tudo isso **antes!**), Jesus faz uma espécie de testamento, uma espécie de avaliação de sua obra no mundo, entre os homens. Sim, chegou a hora. Mas que hora é essa?

Em sua última oração — melhor: meditação, reflexão em voz alta — Jesus diz que essa é a hora da glorificação.

Meus irmãos: todos os que já se **acostumaram** com Deus, Jesus, a Igreja perceberão muito pouco do que isso significa. Nos cultos fala-se tanto em glória e glorificação....

Mostrando esse mesmo texto a quem está por fora de tudo isso, a reação foi rápida: não entendo nada! E, diante da pergunta: por que não? — a resposta também veio logo:

Desde quando a morte (e ainda por cima “esta” morte) pode ser glorificação?

Aí está, meus irmãos. Estamos iniciando a semana que alguns chamam de santa — e que seria preferível chamar de **semana da paixão**. Semana de muito peixe e de pouca penitência. Semana de muito ovo, muito coelho e de pouca meditação. Semana de um dia muito silencioso feriado, superstição. E quantas costureiras vão ficar o dia inteiro na máquina, para aprontar os vestidos do baile no dia seguinte?

Diante de tudo isso, as últi-

mas palavras de Jesus se tornam efetivamente muito difíceis de compreender. É como se todos já estivessem prontos para chorar, e o candidato à morte declara: chegou a hora de minha glória! É como se alguém fracassasse completamente, no empenhimento mais importante de sua vida, e dissesse aos amigos que viessem consolá-lo: essa foi a minha maior vitória!

Quem for realmente **honesto consigo** mesmo, só poderá confessar: eu não entendo mais coisa nenhuma! Porque as últimas palavras de Jesus são uma espécie de soco no olho da gente. São palavras que falam de glorificação e de autocracia, num instante em que tudo — mas tudo mesmo — indica humilhação e subordinação.

E parece-me que, de fato, essa é a lição que precisamos apresentar, durante mais uma semana da paixão. Precisamos aprender a fazer uma comparação perigosa. Que comparação? Por que perigosa?

Olhemos à nossa volta. Examinemos as pessoas que são ou que desejam ser importantes. Escutemos, uma vez, com atenção o que elas dizem. Observemos o que elas fazem. São pessoas que, às vezes, têm autoridade. São pessoas que, às vezes ou quase sempre, gostariam de ser glorificadas.

Que é que está por trás dessa autoridade e glorificação? As respostas podem ser muitas: poder, dinheiro, influência, sorte, sexo, o direito da força. . . .

E agora, a comparação: a glorificação de Jesus é bem diferente. Porque é **Deus** quem está sendo glorificado, através daquela morte infame (infame na opinião dos homens!). Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, a glorificação de Jesus começa no momento em que as outras glorificações chegaram à estaca zero: **na morte**.

Todos sabemos (e quem não sabe, é bom ir se acostumando com a idéia!) que, com a morte, acabam justamente o poder, o dinheiro, influência, sorte, o sexo, e o direito da força. . . O mais solene e pomposo dos enterros (ou dos túmulos perpétuos. . .) não consegue esconder esses fatos. Com Jesus a coisa é completamente diferente, porque **nosso** Senhor não construiu sua glorificação sobre essas coisas que **nos parecem** tão importantes e decisivas.

E aí reside o perigo da comparação. De repente, tudo isso que é tão importante para nós e para as pessoas importantes de nosso tempo, se transforma no pó, na relatividade — vira coisa passageira. Isso é perigoso porque destrói ilusões. E é perigoso porque mostra as verdadeiras dimensões e proporções de tudo e de todos. . . Aquele que sabia que tinha de morrer — porque assim o exigia a glorificação dos homens — pôe a nu

essa humana glorificação. E quem fica nu, ligeiro se tapa com as mãos, não é mesmo?

E por que a glorificação de Jesus é tão esquisita, tão diferente, tão destruidora da vaidade humana?

Para que a gente se desprenda de toda essa papagaiada, justamente nesta semana da paixão. Para que **não** fiquemos tão impressionados com discursos, monumentos, realizações grandiosas e túmulos luxuosos. Para que fiquemos livres para bem **outra** coisa: livres para descobrir o que é vida; livres para estabelecer um contato com Deus (e **não** só com a televisão).

Precisamos ficar livres para isso. Porque as glorificações dos homens entre si conduzem a uma série de caminhos **sem saída**. (Exemplos!) Além disso, a falta de liberdade sempre conduz a dois erros igualmente humanos e — idiotas: de um lado, o erro dos que querem viver sem mundo como se já fossem anjinhos. (E o que esses anjinhos fazem, todos sabem): de outro, os que querem ser iguais ao que todo mundo faz (e onde isso acaba também se sabe!). As últimas palavras de Jesus, porém, abrem um horizonte maior: Tu, Pai, me deste autoridade sobre todos os homens, para que eu conceda vida eterna a todos. Chegou a hora! Este é o convite! Este, o horizonte maior da semana da paixão!

(Juiz de Fora — 4-4-71)

“É preciso considerar que um dia teremos de morrer. Porém, mais do que isso, nós já podemos viver!”

(Ressurreição — Sup. n.º 4 — pág. 7)

JUBILATE

Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome! Mas ele lhes disse: Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago.

Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada absolutamente vos causará dano.

Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus.

(Lucas 10.17-20)

Um túmulo sem honra: quem terá sido?

Os nomes que nunca aparecem nos jornais: mas as pessoas existem!

Se nós perdêssemos nosso nome — seria horrível (ex.: quando o nome fica “manchado” por motivos morais e rivalidades).

A preocupação de alguns: o nome importante...

Só essas rápidas referências mostram que nosso nome não é qualquer coisa. Muita coisa gira em torno dele, está ligada a ele.

Mas existe mais alguém que se interessa por nosso nome e nossa pessoa: e esse alguém é

Deus. Há milênios, os homens ameaçados, amedrontados e angustiados têm ouvido a promessa e o convite: **Não temas**, porque eu te remi; chamai-te pelo teu nome — tu és meu. Assim sendo, **ninguém está tão só**, tão abandonado, tão afastado ou tão esquecido — porque Deus, em todo caso, é quem o chama, o acolhe e o aceita.

De fato, se alguém quisesse saber rapidamente o resumo de tudo o que está contado na **Bíblia**, poderia receber esta informação: é a história de como Deus escolhe e acolhe os homens. Se alguém quisesse saber **para que existe Igreja**, bastaria a resposta: para anunciar e contar a todos que Deus chama e busca a todas as suas criaturas.

Deus se lembra de nós. Para Deus não somos, apenas, “os trabalhadores”, “os operários”, “a classe média”, “a massa anônima”, “os encostados”, “os aposentados”, “os terroristas”, “os ricos” ou “os pobres”. Para Deus somos gente que até recebe um nome, uma identidade permanente — uma presença.

Parece-me que justamente num tempo em que a pessoa está sendo tão esquecida, tão maltratada, tão facilmente aniquilada — é motivo de **alegria** saber que, para Deus, cada pessoa, qualquer pessoa, ainda é tão importante como no dia da

Criação. A tal ponto — que Deus lembra e guarda o nome de cada um. Justamente por isso, o nome de cada um é mencionado, na hora de seu **batismo**, no momento de seu festivo ingresso no povo de Deus. E também por isso o nome de cada um é mencionado na hora de seu **enterro**, no momento em que confiantemente o entregamos às mãos de Deus.

Podemos e devemos alegrar-nos com isso. Isso pode e deve alegrar-nos ainda mais do que todos os sucessos pessoais e profissionais, mais do que todos os êxitos missionários e evangelísticos.

Dizendo diferente: *essa* alegria é capaz de perdurar até mesmo quando a vida se torna um fracasso pessoal e profissional. Essa alegria continua sendo completa, até mesmo quando o cristão só conhece a dor e a decepção.

É claro que se agora alguém interrompesse para dizer: "Duvido"! — eu compreenderia o desabafo.

Do ponto de vista pessoal, existem muitas coisas feitas de encomenda para arrasar com a alegria de qualquer um.

Do ponto de vista profissional, entre as muitas decepções, tem a de ontem: os operários tiveram licença para olhar, de graça, os tigres e elefantes do zoológico (no Rio de Janeiro). Talvez estivessem esperando alguma coisa menor de que um elefante, mas mais importante para eles, suas mulheres e seus filhos.

Do ponto de vista cristão, nossa comunidade conhece o sabor amargo de um templo em construção — paralisada.

E todos aqueles que se empenham, se preocupam e se desdobram na divulgação do Evangelho, devem sentir às vezes um imenso cansaço. Cansaço de descobrir que tantos preferem ain-

da o medo — e desprezam a alegria. Que tantos preferem colocar amendoim e coco sobre as sepulturas esquecendo a cruz sobre os túmulos. A cruz que aponta para a vida, para o Deus que se lembra da nossa vida, para o Deus que nos aconselha a comer amendoim e coco, em vez de ficar alimentando fantasmas...

Sim, são muitas as coisas que nos levam a duvidar da alegria. No entanto — por que Jesus insiste nessa alegria maior? Por que Jesus chama a atenção dos discípulos para essa alegria mais completa, no instante em que eles voltavam já tão felizes com o sucesso, com a vitória sobre os demônios?

A queda de satanás. Como? Por Jesus!

Nós, nossa situação — e o diabólico hoje.

(A injustiça social, a técnica da destruição, a superstição e o medo).

Também os discípulos de hoje não conseguirão vencer e derubar todos os demônios.

A alegria completa é saber que Jesus já fez isso — de uma vez por todas.

O que há são restos de gente enganada...

Os que sabem estão sendo convidados a comemorar a vitória maior.

Na Ceia — convidados pelo **nosso nome!** Amém.

A S C E N S Ã O

Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra; Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória.

(Colossenses 3.1-4)

Na próxima quinta-feira os cristãos celebram a ascensão de Jesus Cristo. Relembrem aquilo que se confessa também no Credo Apostólico, que Jesus Cristo subiu aos céus onde está sentado à direita de Deus. É o que ouvimos antes na leitura do Evangelho e é também o que lemos nesse trechinho da carta aos Colossenses.

É claro que ninguém, em juízo perfeito, pode se atrever a explicar **como** é que Jesus subiu aos céus. Mas cada um de nós pode e deve receber a informação sobre o sentido de tudo isso. Então vejamos: Que significa a ascensão de Jesus Cristo aos céus?

Quando a Bíblia fala sobre a direita de Deus, a mão direita de Deus, isso é uma maneira de dizer e confessar que Deus tem realmente poder, todo o poder — que Deus governa, com justiça e com misericórdia, todo o mundo e toda a nossa vida. Com sua mão direita, Deus salva seu povo Israel, Deus defende os pobres e os miseráveis, Deus derruba seus inimigos e Deus garante sua vitória sobre os homens e a favor dos homens. Com sua mão direita, Deus é Pai e Senhor, Deus introduz seu Reino neste mundo.

Quando lemos, dizemos e confessamos que Cristo está sentado à direita de Deus, é claro que isso é uma ilustração, uma comparação, uma maneira de dizer. E o sentido é: Deus é Rei e Cristo é seu braço direito. Em outras palavras: Cristo não pode ser separado, cortado de Deus, mas Cristo participa da glória e do poder de Deus. Deus tem um rosto, um caráter, um nome. Jesus Cristo é o rosto, o caráter, o nome de Deus. E Deus não tem e não pode ter outro nome! Quando cristãos falam em Deus, estão pensando automaticamente naquele Deus que se tornou homem por nós, e que sofreu, morreu e ressuscitou — e está conosco através de sua palavra — e em cujo nome fomos batizados — e que nos alimenta para a vida, na Santa Ceia. E quando

cristãos falam em Jesus Cristo, não estão pensando apenas no Mestre, no mártir, no grande homem que ele foi ou deixou de ser — mas sim, estão pensando naquele que é o Senhor, sem o qual nada existe de glorioso ou poderoso, neste mundo.

Essa é a verdade que se tornou clara, que foi revelada aos apóstolos no dia da ascensão. E essa é a verdade que hoje é lembrada a todos nós, através de um convite: Buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto!

Por que, afinal? Tanto na próxima quinta-feira, como já na segunda-feira, sim até mesmo hoje à tarde ou à noite nós vamos pensar, nós vamos ter de pensar nas coisas daqui da terra, nas coisas de nossa vida. Sim, certo, mas que é nossa vida? Que é isso que se estende do parto até o último suspiro?

Quando a Bíblia fala sobre nossa vida, podemos e devemos pensar em tudo aquilo que faz parte dessa nossa vida. Quer dizer: as coisas da alma e as coisas do corpo, as coisas íntimas e as públicas, a vida particular e a vida política, a vida bem pessoal e a vida com os outros. Nossa vida é isso que nós gostamos de enfeitar um pouco, que nós queremos aproveitar — e nossa vida é isso que sempre sofre abalos e que às vezes nos parece uma coisa estragada, perdida e sem sentido. Nossa vida é o que nós queremos segurar e proteger, é o que às vezes gostaríamos de prolongar até — é o que, apesar de tudo, tem um limite intransponível chamado morte.

Quando a Bíblia fala sobre nossa vida, está falando nessa mistura de desejos, esforços, esperanças, sucessos e decepções — essa mistura de claridade e escuridão, de beleza e de ameaças, de risos e de lágrimas. E

quando nós pensamos em tudo isso que faz parte de qualquer vida, nós achamos que conhecemos nossa vida. Mas nós não conhecemos! Nem mesmo a experiência da vida (aquilo que nós chamamos de “experiência da vida”!) pode nos dizer o que é nossa vida mesmo, qual o sentido último de tudo isso.

Mas a Bíblia esclarece que essa mistura toda, com suas desordens até, é uma vida arrumada. Que essa vida condenada à morte, é uma vida salva. Que essa vida presa a vícios, desejos, doenças, é uma vida libertada. Como é que a Bíblia pode afirmar uma coisa dessas?

Porque Jesus Cristo está sentado à direita de Deus. Lá do alto cai uma luz que invade esta nossa vida. E essa luz da verdade nos diz o seguinte: aquilo que nós conhecemos da vida, de nossa vida, ainda não é, nem de longe, toda a realidade. A vida não é só essa mistura de mistérios e perguntas sem resposta. A vida também é aquilo que a carta aos Colossenses explica, começando com uma surpreendente declaração: Vocês foram ressuscitados juntamente com Cristo.

Nós fomos ressuscitados com Cristo — essa é a parte da realidade de nossa vida que transforma todo o resto, que joga luz no resto. Assim é que podemos e devemos acrescentar, junto a tudo o que foi dito, o seguinte: Quando a Bíblia fala sobre nossa vida, está falando sobre Jesus Cristo. Quer dizer: de uma vida humana como a nossa, com as mesmas limitações, as mesmas perguntas, as mesmas misérias. Jesus Cristo é tudo isso também. Mas essa vida humana alcançou a vitória, a salvação, a libertação, a arrumação.

E quando a Bíblia fala de Jesus Cristo, está falando sobre nossa vida: porque aquela criança de Belém nos transformou

em filhos de Deus, aquele sofredor no Calvário sofreu o castigo que seria o nosso, aquele Resurreto apagou nossa morte — e mostrou que Deus é nosso Deus!

E quando Jesus Cristo subiu aos céus, foi nossa vida humana que foi elevada até a comunhão com Deus. Jesus Cristo é a verdadeira transformação e renovação de nossa vida — e cada um pode ter e viver essa transformação, desde que veja e tenha a Jesus Cristo.

E você dirá: pois eu não vejo nada disso na minha vida — e menos ainda na vida dos outros.

Isso é exatamente o que também diz a carta aos Colossenses: a vida de vocês está oculta, está escondida com Cristo em Deus.

Ainda está escondida, essa vida arrumada e transformada. A única coisa que temos do Cristo é a palavra de suas testemunhas, é o batismo, é a Santa Ceia.

Mas quando Cristo se manifestar, então vai se manifestar também tudo aquilo que nossa vida realmente é.

Nossa vida não é apenas isso que começa no berço e acaba na sepultura. Nossa vida é também aquilo que já começou com Cristo e que um dia vai aparecer de maneira total.

Essa realidade total de nossa

vida, nós não podemos agarrar como se fosse nossa propriedade. Essa realidade total nós só podemos buscar, nós só podemos pensar nela. Buscai as coisas lá do alto.

Lá do alto! Que é alto? Lá no alto está Cristo, nossa vida. E aqui na terra? Aqui na terra estamos nós. Nós com o pouco que conhecemos de nossa vida.

Não adianta encostar a mão no rádio, para melhorar esse pouco de vida. Não adianta correr atrás de milagreiros. Nós nunca vamos ter mais em nossa vida do que Jesus Cristo mesmo. Buscar ao Cristo que é nossa vida é o máximo que nós podemos alcançar nesta vida. Notaram bem? O máximo é uma busca. Ninguém pode e ninguém deve imaginar que já encontrou tudo. Não. Meus amigos, nunca acreditem naqueles que querem oferecer tudo! Isso é um logro!

Contentemo-nos em buscar, procurar sempre. Os que buscam e procuram a Cristo, nossa vida, são os que saem do medo para a coragem, da tristeza para a alegria, do ódio para o amor, da preocupação para a confiança e até da burrice para a sabedoria.

Essa saída da escuridão para a luz é o que significa a ascensão de Jesus Cristo para nós, hoje.

(Igreja Central — 7-5-72)

**"Ter fé é uma maneira de viver...
viver como peregrino, como quem não tem
um lugar certo. Viver sem acomodação.
Viver sem segurança... Podemos
crer, confiar e esperar!"**

DIA DAS MÃES

Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim;

Ora, estas cousas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse: Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco.

(João 15.26-16,4a)

Alguém poderia perguntar: Qual o valor, qual o sentido de a gente continuar a ouvir e a ler palavras de despedida de Jesus? Afinal, Jesus já se despediu há tanto tempo, seus primeiros discípulos também já não existem há quase dois mil anos. Digamos assim: não haveria assunto mais urgente, mais importante, a ser examinado no **Dia das Mães?**

A primeira coisa a dizer: Quando Jesus se despede de seus discípulos e fala sobre o futuro deles, essas palavras não se dirigem apenas àquele primeiro grupo de homens e mulheres daqueles velhos tempos. Nós também somos discípulos de Jesus. Os homens e mulheres que hoje formam a comunidade cristã, a Igreja, também vivem depois da despedida de Jesus. É muito provável que nós, assim como os primeiros discipu-

los, tenhamos algumas necessidades iguais. Por exemplo: Existirá uma única pessoa neste mundo, que nunca precisou de consolo?

Jesus promete consolo aos homens e mulheres. Jesus até fala de um Consolador: o Espírito da verdade, o Espírito Santo, essa presença de Deus entre nós. Sim, todos nós precisamos de consolo, vez por outra. E o consolo que vem de Jesus, o auxílio com que podemos contar, está muito intimamente ligado com a verdade. Com efeito, não existe consolo sem verdade! As consolações baseadas apenas nos panos quentes, apenas para constar, apenas para tapear — não funcionam. Ou, pelo menos, não funcionam muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, vem a desilusão — e o desconsolo. Para alcançar verdadeiro consolo, todos nós precisamos de uma verdade consoladora: a verdade a respeito de Jesus Cristo.

O que Jesus diz a seus discípulos de ontem e de hoje, é isso: Todo aquele que está aflito e sobrecarregado, não precisa procurar muito, aqui e ali. Procure a mim e eu o aliviarei, eu o consolarei — estabelecendo a verdade a respeito de Deus — a verdade a respeito das relações entre Deus e os homens — a verdade a respeito de cada um.

É claro que muita coisa poderia ser dita acerca dessa verda-

de. Para começo de conversa, ela nunca é a nossa verdade, ela nunca está debaixo de nosso controle, nós nunca podemos manipulá-la. Mas se a gente quisesse, uma vez, resumir o que seja essa verdade, talvez baste lembrar e guardar isto:

A verdade a respeito de Deus é que ele faz questão de ser nosso Deus conosco, Deus no meio de nós. Deus que gosta de nós, Deus que sempre toma partido a favor do homem. E será que, então, Deus nunca dá o contra? Claro que dá. E como dá! Deus é contra tudo aquilo que possa atrapalhar e estragar suas relações com os homens. E por isso Deus é contra a morte e contra tudo aquilo que tem cheiro de morte. Exemplo: o egoísmo, do qual nascem todas as outras maldades, invejas e destruições entre os homens.

Nesse ponto, é preciso dizer que tanto os que conhecem esse Pai como os que ainda o procuram, estão unidos numa mesma verdade: a verdade a respeito de nós mesmos. Quem somos nós? Nós somos aqueles que provocam, alimentam e até espalham tudo isso que tem cheiro de morte — e que envenena a vida dos homens todos. Nós somos os egoístas a quem Deus ama de verdade. E justamente porque o amor de Deus é um amor de verdade, Deus faz questão de estabelecer a verdade a respeito de nós mesmos, destruindo nosso egoísmo. A destruição de nosso egoísmo é o maior consolo que Deus pode dar. Porque esse consolo nos transforma em testemunhas.

Todo cristão é uma testemunha desse amor e desse consolo de Deus. Mas que significa testemunhar?

1.º) Confessar, professar algo. Eu creio que isso é assim e assim. Estou certo disso. Estou disposto a defender minha convicção.

2.º) Comprometer-se com algo que me toca lá no fundo, me pega, me abala, me comove, mexe comigo, me cativa, que se refere à minha própria maneira de viver.

3.º) Testemunhar é mais do que ter interesse por algo. Testemunhar não é só transmitir algo, comunicar um fato diante do qual posso permanecer neutro. Ao testemunhar a gente expõe uma parte de si mesmo, põe a descoberto uma porção de coisas íntimas: Comigo é assim! É nisso que fundamento minha vida.

4.º) É um apelo. Como estão as coisas com você? O apelo que eu ofereço é também um pedaço de minha própria pessoa, de minha própria vida.

5.º) Testemunhar “de Jesus Cristo”! E mais ninguém! Não é fazer propaganda da própria Igreja. Não é contar como eu sou bonzinho, como eu sei rezar bonitinho, como eu fui batizado pelo Espírito Santo, etc. Isso não seria testemunho porque é traição.

6.º) Falar do Cristo e de seus pequeninos irmãos neste mundo. Dizer que ele foi morto porque não se enquadrou nas regras do jogo — aquele jogo do egoísmo. Porque ele amou como nós não amamos, porque não pisoteou e condenou como nós pisoteamos e condenamos, porque ele acolheu aqueles que nós, com nosso moralismo barato e hipócrita, só sabemos rejeitar e desprezar.

7.º) Todos notam: o testemunho leva adiante o consolo aos que precisam ser consolados: os famintos, os desempregados, os que morrem de doenças curáveis. Ao mesmo tempo, o testemunho do amor de Deus se torna bastante incômodo quando toca numa ferida muito funda e sempre aberta, que se chama verdade!

SEMANA DA UNIDADE CRISTÃ

Podemos ser já hoje, agora, verdadeiros discípulos. Ninguém pergunta quem ou o que somos, fomos ou seremos, religiosamente interessados ou não, etc. Que cada um seja e faça o que for. Se formos verdadeiros discípulos, o futuro dirá o que podemos ou devemos ser e fazer.

Discípulos são seguidores, que estão em sua companhia. O que os diferencia dos outros é que ele está em seu meio. E que podem ser suas testemunhas. Pessoas que podem ouvir quem ele é e qual a sua dádiva. Que não confundem mais o tempo anterior e posterior a ele.

Não crêem mais poder ajudar-se a si mesmos, justificar-se. Que também não acreditam mais estar sob o domínio de um destino cego. Para os quais o Reino não pertence mais a uma eternidade distante e fria, porque está em seu meio, porque já viram a vitória desse Reino. Que sabem que o que viram e conhecem deve ser visto e tornado conhecido por todos. Sabem que devem dizê-lo aos outros. Pessoas que têm uma missão (tarefa) na história.

Verdadeiros discípulos (autênticos, legítimos). Poderia haver discípulos ilegítimos, inau-

tênticos, pessoas que se rotulam de cristãos, por quaisquer razões. Que pretendem manter uma certa tradição. Representantes da assim chamada civilização cristã.

Nós não queremos arremessar a primeira pedra. Quem terá a certeza de não ser um cristão de tal calibre? Por nosso próprio esforço, dificilmente alcançamos algo diferente disso.

Não queremos prosseguir nesta linha.

Verdadeiros discípulos são pessoas que não podem mais colocar Jesus entre parênteses, ignorá-lo em seus corações e consciências, ignorá-lo em suas vidas e no mundo. Que não têm mais escolha, se querem ou não segui-lo, se querem ou não cumprir a missão, a tarefa que lhes foi confiada. E é Jesus mesmo quem nos diz que podemos sê-lo, hoje, agora. Que a oportunidade está às portas.

Como verdadeiros discípulos. conheceremos a verdade. Através das trevas e inseguranças do futuro, contemplamos um futuro claro e certo. A verdade nua e crua, sem véus nem dissimulações nem disfarces. A verdade — bondade de Deus que sustenta todas as coisas. Nossa miséria

e culpa irreversíveis. Jesus mesmo — fundamento, sentido e alvo de nossa vida. (e do mundo!).

Mas — futuro. Pois, no presente, temos de reconhecer que deixamos de conhecer a verdade ou ainda não a conhecemos.

Por que isso? Porque a verdade é sempre de novo soterrada, tapada pelos equívocos que povoam nossas cabeças e nossas consciências.

Mas nunca ouvimos a verdade? Indubitavelmente! E até seguido! Mas sempre voltamos a esquecê-la. Não há nada que o homem esqueça mais seguido e mais freqüentemente do que a verdade.

No futuro — de uma maneira total. Agora, umas prestações, em parte, tanto quanto necessitamos, sempre de novo, o suficiente para a semana que começa para os próximos momentos difíceis.

Nós conheceremos a verdade. Nossos olhos cegos, ouvidos surdos. Nossas mãos insensíveis.

Ele, a verdade, romperá as cadeias, às quais estamos acorrentados, nas quais nos acorrentamos.

Seremos livres (futuro!). A verdade nos libertará (há uma relação). A verdadeira verdade é outra coisa do que aquilo que consideramos como verdade. **Ela é uma pessoa que liberta** (não nós!)

Como acontece isso? Ele nos demite, nos destrona de nossa posição de senhores e mestres de nós mesmos. Ele toma nosso lugar, assume a direção e a responsabilidade. E dá a permissão de deixarmos tudo por sua conta.

Pois quem (e isso é o caso de todos nós!) continua a querer ser seu próprio senhor, não passa de um prisioneiro de si mesmo. Tal pessoa é um indiciado de seu próprio IPM. Arrastado de um interrogatório a outro. A preocupação. O medo. O desespero. O contraste da liberdade de si próprio! **Liberdade dada e não usurpada!**

Se permanecerdes na minha palavra! Sem acrescentar ou subtrair, acreditar numa palavra. Sem vagabundear em torno dessa palavra! Sereis meus discípulos.

(Juiz de Fora)

"Era totalmente dedicado à sua comunidade, aos inúmeros amigos católicos, ao magistério e aos alunos Cristo vivia nele" . . .

P A S T O R A L

Porque nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si, Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor.

Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu; para ser Senhor, tanto de mortos como de vivos.

Tu, porém, por que julgas a teu irmão? e tu, porque desprezas o teu? pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus.

Como está escrito:

Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.

Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

Não nos julgemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão.

(Romanos 14.7-13)

Na Igreja de Jesus Cristo sempre existiu variedade, diversidade de opiniões, e isso vai continuar a ser assim. Até deve continuar a existir a variedade, diversidade de pensamento e expressão. Porque Deus não é ditador. E a Igreja também não é ditadura. Pelo contrário: a vida dos cristãos tem um lema que se chama liberdade. É livremente que nos reunimos para o culto. Livremente amamos a Deus. Livremente servimos ao irmão.

Mas é justamente na hora de amar e servir que nossa liberdade corre o seu maior perigo, o maior risco. Porque cada um ama e serve a seu modo. Cada um recebeu dádivas diferentes.

E por isso o modo de viver nossa liberdade de cristãos muda de pessoa para pessoa. O perigo aparece no momento em que um acha que o outro deve pensar e agir exatamente como ele. Quer dizer: a liberdade dos cristãos fica ameaçada no instante em que um começa a julgar o outro, no momento em que a Igreja deixa de ser família para se transformar em tribunal.

É claro que ninguém é tão perfeito que não possa ser criticado. Pelo contrário: a verdadeira crítica sempre constrói. A verdadeira crítica sempre corrige, aperfeiçoa, melhora as coisas. A verdadeira crítica é um serviço que um irmão presta ao

outro. E, portanto, verdadeira crítica é uma questão de amor. Quem não ama também não sabe criticar. Só sabe julgar. Acontece que “juízo” é uma coisa que só cabe a Deus. O grave, em todo e qualquer juízo humano, não é apenas o fato de que a gente possa se enganar. Muito mais grave é o fato de que o homem julgador — está se colocando no lugar que compete a Deus somente. Isso é o que torna problemático e perigoso o juízo humano. Isso é o que, às vezes, torna ligeiramente ridículos alguns julgamentos.

Um exemplo que mostra até onde isso vai — o pastor para não pisar nos calos de ninguém). Se a pregação se prolonga — esqueceu de desligar o long-play. Se fala alto para todos entenderem — só sabe berrar. Se fala normal — ninguém consegue entender. Se faz convites e apelos para uma festa — é mundano. Se corta o cabelo — é quadrado. Se visita alguém e faz certas perguntas — está se metendo onde não é chamado. Se pede uma contribuição — só sabe falar em dinheiro. Se o culto começa pontualmente — seu relógio está adiantado. Se o culto dura mais de uma hora — está atrasando todo mundo. Se é moço — ainda não tem experiência. Se é velho — devia tratar de se aposentar. Se vai embora — aquilo é que era pastor! Se morre — coitado, era tão bom homem...

Esse exemplo mostra que justamente a variedade de pontos de vista torna impossível, para os homens, a capacidade de julgar definitivamente quem quer que seja. (Tiradentes! D. Pedro !!).

Mas ainda não chegamos ao motivo principal. Versículos 7 e 9.

Isso significa que a liberdade cristã não se resume em coisas permitidas ou proibidas, não cabe apenas em regulamentos.

O Senhor dos mortos e dos vivos, o Senhor sobre a morte e a vida é quem nos deu a liberdade. A variedade, o direito de escolher a maneira de amar e servir e dar testemunho. É a esse Senhor que cada um vai dar contas de si mesmo, um dia. Ninguém precisa organizar desde já, um tribunal na assembléia dos irmãos. O tribunal dos cristãos fica em outro lugar: a presença de Deus.

No entanto, essa presença de Deus, em nossa vida, já lembra um outro problema da liberdade.

Alguns pensam, às vezes, que a liberdade dos cristãos é o mesmo que não dar contas a ninguém. É o contrário da atitude dos julgadores. São os que acham que vale tudo, que a vida é minha.

“Ninguém vive para si mesmo!” A vida em liberdade, que Cristo nos deu, é a vida de cada um para o irmão, é a vida dedicada à justiça, à paz, à alegria entre todos (não só para cada um!). A medida de nossa fé não se reduz a coisas permitidas ou proibidas — mas essa medida aparece no modo como me relaciono com os irmãos. Por que é que não podemos julgar o irmão? E por que não podemos desprezar o irmão, vivendo como se os outros não existissem?

Porque Cristo morreu por meu irmão, assim como morreu por mim!

Por isso, as diferenças e variedades de opinião e de testemunho nunca podem ser mais importantes do que a comunhão dos irmãos, a comunhão entre irmãos.

A comunhão na liberdade — a esperança (tropeços, escândalos?)

A esperança — o juízo (nossa imperfeição geral).

O juízo — o louvor (11) — obra do Cristo.

Não julgar — porque somos todos “devedores perdoados”.

CEIA DO SENHOR

E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos.

Ora, vendo isto os fariseus, perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes.

Ide, porém, e aprendei o que significa:

Misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores.

(Mateus 9.10-13)

Jesus estava em casa, sentado à mesa. E muitos cobradores de impostos e pessoas de má fama apareceram e foram se sentando com Jesus e seus discípulos. Alguns professores da lei dos judeus, do grupo dos fariseus, vendo isso, perguntaram aos discípulos: Por que é que o Mestre de vocês come com essa gente.

Jesus, que estava escutando tudo isso, respondeu: Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes. Vão e tratem de aprender o que significa a palavra de Deus, anunciada pelo profeta:

“Quero misericórdia, e não sacrificios, pois não vim chamar justos e sim pecadores.”

Se alguém chegar em nossa cidade e perguntar onde fica nossa igreja, o informante não vai dizer que essa igreja existe em todas as partes do mundo — vai dizer a parte da cidade, a rua, e pronto.

Quer dizer: a igreja existe primeiramente, num local.

Mas que espécie de gente participa da vida da igreja, nesse local? A igreja congrega homens e mulheres que vivem, trabalham, se alegram e sofrem como todos os outros — com uma diferença: a **razão** de sua vida, o motivo pelo qual existem, não se fundamenta, não se baseia, não se centraliza neles próprios — mas naquele judeu de Nazaré que é o Senhor do mundo: Jesus Cristo.

Em outras palavras a igreja é, e só pode ser, um centro de ressurreição, de renovação. Um lugar onde se vive hoje, já agora, o futuro.

Por isso é que a igreja sobressai obrigatoriamente, em todos os lugares. Nem todos vão à igreja. A maioria nem sabe o que acontece dentro da igreja. Ou sabe mais ou menos. Ou acha que sabe.

No entanto, ninguém pode esquecer a igreja. Porque ela incomoda. Porque é diferente. E

por que são diferentes os cristãos? Por que incomodam? Porque a igreja, os cristãos, sabem o que vem depois do mundo e da história do mundo. E além disso, vivem já agora o que um dia virá para todos.

No entanto, **para que** é diferente a igreja? Para ser sal e luz do mundo. Quer dizer: para penetrar em todas as coisas, com o Evangelho, com a boa notícia, com a novidade agradável. No mundo em que vivemos, existe muita escuridão mesmo; por isso, a igreja quer se infiltrar, com a luz do Cristo.

A Ceia, hoje. Para quê? Só para uma coisa diferente, estranha, esquisita, que uma porção de gente não entende?

Não: a ceia de hoje, a refeição com o Cristo é nosso ponto de partida, é o lugar onde começamos nossa viagem ao mundo, com o Evangelho. É ao mesmo tempo o lugar e o momento do recolhimento, para dar graças, para interceder pelos outros, todos os outros.

Quando comemoramos Ceia, estamos antecipando o futuro, isto é: estamos comemorando, desde já, o banquete com Cristo, no Reino de Deus. Estamos festejando, celebrando a salvação.

Ao mesmo tempo, estamos reunindo todo o mundo, quer dizer: todo o nosso mundo, as pessoas deste local, desta localidade, para que todas elas juntas, sejam apresentadas a Deus. Claro, nem todos vão ficar sabendo isso. É provável que alguns até zombem da Ceia. Apesar disso, no momento em que festejamos a salvação, nossa mesa representa uma promessa e uma oportunidade para **todos**. Como assim?

Só os batizados, os que per-

tencem ao Senhor, participam da Ceia. Mas a igreja também usa as coisas deste mundo: o pão, o vinho, o tempo (pois há um dia do Senhor para a Ceia do Senhor) o espaço (este tempo onde estamos reunidos).

Não se trata, para nós, de destruir os outros, afastá-los, desprezá-los. Pelo contrário: nossa Ceia é um convite para que muitos, todos passem para a nova criação, para o novo mundo da salvação.

Cristo diz: "Eu sou o pão vivo que desceu dos céus; se alguém como deste pão, viverá para sempre. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo."

Somos cristãos, somos batizados, somos igreja, para proclamar, para atualizar o amor de Deus no mundo.

Para proclamar e atualizar esse amor, entre outras coisas, identificamos um pouco de pão e de vinho com um alimento e bebida de vida eterna. Identificamos uma manhã de domingo com o mundo da ressurreição.

Se alguém olhar para si — para o vizinho de banco — pensa naquela outra mesa:

Jesus, os pecadores — presença do reino e do mundo, salvação no meio da perdição.

Se a igreja não puder ser isso, não será igreja. Se nossa ceia não puder ser isso, não será ceia.

Graças a Deus, podemos ser um lugar onde todos podem se encontrar, tomar lugar à mesa e ouvir a palavra que é maior do que tudo quanto se pudesse ou quisesse dizer:

"Quero misericórdia, pois não vim chamar justos, e sim pecadores."

(Juiz de Fora — 6.º domingo depois da Trindade)

CELEBRAÇÃO

E CULTO

Nós te agradecemos, Deus, invocamos o teu nome e declaramos tuas maravilhas. Pois disseste: hei de julgar retamente. Digo aos orgulhosos: não sejam arrogantes. E digo aos ímpios: não falem com insistência contra a Rocha. Porque não é do Oriente nem do Ocidente que vem o auxílio. Deus é o juiz, a um derruba e a outro exalta.

(Salmo 75, seleção)

Nossos templos não são apenas casas de pedra, onde as pessoas vão buscar consolo para suas misérias e sofrimentos. Nossos cultos não são apenas reuniões públicas, onde alguns repetem palavras e cantos pré-estabelecidos. É claro que não faltam pessoas que vêm à igreja com coração amargurado e sentem que a experiência da oração e do louvor pode aliviar e ajudar. E é claro que sempre existem alguns que misturam glórias, aleluias e bocejos.

Mas nós não queremos perder tempo com aquilo que não deveria ser e acontecer. É muito mais interessante a gente lembrar aquilo que é.

Nossos templos são o lugar onde acontece uma celebração. Nossos cultos são uma festa que pretende anunciar alguma coisa. Anunciar e transmitir o quê?

Anunciar, proclamar abertamente, publicamente que existe uma nova vida. Portanto o culto não é uma coisa neutra, inconsistente, morna, que não cheira nem fede. Pelo contrário, nosso culto celebra as maravilhas de Deus. Nosso culto celebra a criação de um mundo onde a fraternidade será vivida pelos homens que constroem a paz.

Quer dizer: quem vem ao culto e participa da festa, está contribuindo para tornar verdade aquilo que ainda não é, mas que pode ser. Os que se julgam donos da verdade, os amargos, os inseguros não sabem festejar. Para anunciar as maravilhas de Deus, e agradecer por elas, é preciso querer festejar. É preciso se descontraír, acreditar naquilo que está sendo celebrado, é preciso perder a rigidez — em resumo: expressar a alegria de estar vivendo.

O salmo que nós acabamos de ouvir era cantado, rezado e até

dançado pelo povo de Israel. Por quê? Porque eles sabiam festejar. E que é que eles comemoravam tão festivamente?

Eles comemoravam a certeza da promessa de Deus. Eles lembravam festivamente a presença de Deus na luta pela libertação do povo. Assim como nós celebramos a vitória de Deus, vitória que nos redimiu, nos salvou e nos garante o futuro. Alegria é um sentimento que sempre está intimamente ligado à esperança e à certeza. É a esperança que nos faz ir sempre em frente apesar de tudo. A atitude que vem da esperança é uma atitude de coragem. E essa coragem se fortalece com uma certeza: Deus é justo.

E agora? Interrompeu a festa? Qual foi o desastre? Qual é o mal-estar?

No meio da festa, Deus disse: Hei de julgar! Hei de julgar realmente!

Isso é festa ou é tribunal? A gente não estava mesmo querendo festejar Deus? Festejar o Deus que venceu a morte, que derrotou a escravidão, o Deus que nos libertou em Cristo?

E no meio da festa, é como se alguém tivesse deixado cair um copo. O dono da festa anuncia que vai julgar. De repente nós nos lembramos daquela frase que todos repetem, domingo após domingo:

Creio em Jesus Cristo que virá para julgar os vivos e os mortos.

E então a coragem se esvazia e vem o medo. As canções morrem na metade, a gente sente vergonha. A gente queria comemorar uma nova esperança — mas voltou a incerteza, a dúvida. A gente queria celebrar — mas os pensamentos, o coração, as convicções ficaram lá longe, lá atrás, lá fora.

Por que, minha gente? Por que é que nós fracassamos tão seguido? Por que é que a justiça de Deus nos deixa tão chateados — ou assustados — ou desanimados e tristes?

Nós ouvimos: Deus é o juiz. A uns derruba e a outros eleva. E essa ducha d'água fria cai sobre nós porque sempre imaginamos que nós é que vamos levar o tombo. É capaz que nós sejamos os derrubados...

É por isso que tanta gente acaba no espiritismo. Eles pensam assim: de tombo em tombo, de escorregão em escorregão, o sujeito acaba ficando de pé. Se danou nesta vida? Não faz mal. Vive de novo — e vive de novo — até que tudo conserta.

É por isso que alguns acabam na macumba. Em vez de levar o escorregão e esborrachar o nariz eu faço um despacho — e quem se rebenta é o outro.

É por isso que tantos se desiludem e acabam neste ou naquele vício. Nada de pensar muito nem esquentar a cabeça. Deixa pra lá. Pode ser que Deus seja mineiro. A coisa se resolve... Mais uma dose!

Mas a coisa toda nem é essa, meus irmãos! A justiça de Deus não tem nada a ver com legalidade. A justiça de Deus não tem nada a ver com leis, e princípios, e normas, e pesos, e medidas. Se Deus fosse julgar de acordo com um regulamento, pra começo de conversa — não escapava ninguém! Em algum cantinho de nós, cada um é um — pois é, é aquilo mesmo! Cada um de nós! Não adianta ser arrogante ou orgulhoso, não adianta mesmo.

Justiça de Deus é uma dádiva, um presente que o Senhor nos dá. Justiça de Deus é isso que permite viver e dá a alegria de viver. Para a Bíblia, justiça é o novo relacionamento de cada um e de todos com Deus. Justiça de Deus é essa imensa liberdade de se abrir para o futuro, para o amanhã. Justiça de Deus é a promessa de que tudo aquilo que ainda não é hoje, certamente vai ser amanhã. Justiça de Deus é o mesmo que salvação gratuita.

E é por isso que a festa não precisa ser interrompida. Nós não precisamos ficar com medo e perder a coragem. Nós não precisamos perder a alegria e a esperança.

O auxílio, a salvação não vêm do Oriente nem do Ocidente. Nós não precisamos perder tempo com coisas de cá e coisas de lá. A maior maravilha de Deus é justamente isso: que ele é justo, no meio de todas as injustiças.

Por isso o culto dos cristãos é uma festa. Quando nós ouvimos dizer que o juiz é Deus, podemos celebrar e agradecer.

Graças a Deus, nós todos só dependemos dele, a Rocha, nossa salvação. Amém.

(Mar de Espanha — 24-9-72)

RENOVE

SUA

ASSINATURA

para
receber
nossas
próximas
publicações !

☆

cei -

BOLETIM MENSAL

BÍBLIA - HOJE

DOCUMENTOS

REVISTA TRIMESTRAL

DIA DA REFORMA

Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus.

(Efésios 2.8)

Tudo o que aconteceu na vida e obra de Lutero, antes e depois daquele 31 de outubro, está ligado a uma única pergunta:

Como é que Deus salva o homem?

As poucas palavras da Epistola aos Efésios dão resposta, curta e completa: "pela graça sois salvos..."

Quer dizer: Deus nos salva **sem** cooperação humana, **sem** mediação eclesiástica ou sacerdotal. Nenhum homem e nenhuma Igreja podem realizar a salvação — nem tampouco intrometer-se nela. "Isso não vem de vós!"

Se existe uma possibilidade de salvação, essa possibilidade pertence a Deus, é dom de Deus. E a salvação pela graça, assim como é entendida por todo o Novo Testamento, representa uma dádiva, um presente sem condições. Se algum homem pudesse preencher as condições da salvação, se alguma Igreja pudesse preparar a salvação — o todo não seria mais um presente. Seria uma negociata.

Mas quando se trata de salvação, justamente **não** existe **nem pode** existir cooperação entre o homem e seu Deus. Porque, afinal?

Porque Deus tem misericórdia de alguém **quando** e **onde** ele quiser — visto que é o Senhor soberano e livre. Porque Deus não depende da colaboração de sua criatura — do contrário não seria o Criador, seria um ídolo.

No entanto — seria bom que não nos enganássemos a nós mesmos. Sejam honestos para reconhecer que a mensagem da salvação pela graça representa um duro golpe contra todos nós. O fato é que a salvação só pela graça contraria profundamente a natureza humana. Cada um de nós quer ser dono de seu destino. Cada um de nós quer construir a sua própria felicidade. Nós queremos escolher o que comemos, vestimos, nós queremos escolher a profissão, o cônjuge, as amizades. Isso não está errado. É justo que cada um use sua liberdade de escolha, no campo das responsabilidades humanas.

Agora — quando se trata de nossa vida ou de nossa morte, deixamos de ser donos de nós mesmos. Quem decide a respeito de nossa salvação é **só** Deus.

A graça é, portanto, a realidade mais radical, exclusiva e total que existe. E isso nos deixa chocados, irritados. Gostaríamos de continuar praticando ou não praticando uma religião, gostaríamos de acreditar ou deixar de acreditar (de acordo com as conveniências), gostaríamos de cultivar nossa espiritualidade (de acordo com nossas necessidades). E, de repente, descobrimos que a salvação de Deus nada tem a ver com tudo isso. De repente, o Evangelho nos fala da salvação como um presente inesperado.

E então fica claro que ninguém mais pode exibir orgulho espiritual. Ninguém mais pode exigir alguma coisa de seu Deus. Ninguém mais pode considerar-se superior em relação aos outros.

Nosso amor, nossa conversão, nossa santificação, até mesmo nossa fé — tudo isso, de repente, aparece como fruto da graça, como resultado da obra salvadora de Deus.

Isso é que nos revolta e escandaliza, no Evangelho da Salvação. Isso é o que nos deixa inconformados: que nem mesmo nosso amor, nem mesmo nossa fé sejam realização nossa, mérito nosso!

“Pela graça sois salvos” — isso significa o fim de nossa liberdade, o fim de nossa garantia. E nós sabemos que coisa apavorante podem ser as palavras: sem garantia; risco total!

Pois é: e para a salvação de nossa vida não existe seguro de vida!

Toda a Reforma empreendida por Lutero nada mais quis do que deixar bem claro essa radicalidade do Evangelho. Por isso, foi e continua sendo tão contestada a promessa e a exigência

do Evangelho. E não são poucos os que saem à procura de outras possibilidades mais seguras: Dizem assim:

1) Só quem alcançou a vitória completa sobre o pecado, tem a graça.

2) Só quando o Espírito habita em nós, através do novo nascimento, temos a graça.

3) Só quando nos purificamos através de sucessivas encarnações, praticando a caridade, é que alcançamos a salvação.

4) Só quem guarda o sábado...

5) Só quem aceita uma série de declarações infalíveis... — e assim por diante.

Por que todo esse desvio? A decisão sobre salvação transferida de Deus para o esforço humano.

A graça torna-se dependente do comportamento humano.

Com isso, acaba-se a insegurança e o medo? Acabou???

Essa a fraqueza da Igreja Luteterana. Nós não queremos a ditadura espiritual sobre os homens. Porque a graça de Deus nos basta. Mas o Evangelho também não é imposição — é convite! Nossa única convicção é a confiança que depositamos no poder de Deus. (Exemplo de Lutero: o mendigo herdeiro da fortuna).

(J. Forá - I. Central - 31-10-70)

DIA DA BÍBLIA

O Senhor falava a Moisés face a face, como alguém que fala com seu amigo.

(Êxodo 33.11)

A palavra — amigo — Deus é chamado “amigo de Moisés, de Abraão”: “amigo de seu povo Israel”. — Jesus, no momento em que era preso, chama o traidor Judas de “amigo”, assim como costumava chamar todos os discípulos de “amigos meus”. E é nesse sentido que podemos entender suas palavras: “Não existe amor maior do que dar a própria vida em benefício dos amigos”.

Por aí compreendemos que duas coisas caracterizam a amizade: a conversa sem reservas, a troca sincera de idéias — e os atos de amizade, que podem tornar-se tão concretos, a ponto de custar uma vida.

Ouvimos, antes, que Deus falava com Moisés como alguém que conversa com o amigo. E lembramos que não era diferente a maneira de Jesus conversar com seus discípulos. Essa intimidade, essa proximidade dá o que pensar. Porque, de repente, notamos que nosso Deus **não** é uma divindade superior e absoluta. Notamos que nosso Deus não é inacessível ou difícil de tratar. E notamos que nosso Deus em Cristo, faz muita questão de entrar em contato conosco. Deus insiste em iniciar

uma conversa de amigo conosco. Aquilo que chamamos de “palavra de Deus” não é outra coisa do que essa conversa de Deus conosco...

E é nesse ponto que muitos engasgam, tropeçam e param. O que é fácil de imaginar também. Os irmãos já pensaram, uma vez: quantas palavras, quantas conversas, quantos discursos são feitos e ditos e pronunciados por dia — em JF, no Brasil e no mundo? uma coisa que ninguém pode ou sabe calcular. Mas que é muito, isso é! No meio de todas essas palavras e discursos, existem os inesquecíveis, os que permanecem, porque foram bons, porque ajudaram, iluminaram, consolaram. Existem as palavras inesquecíveis porque magoaram e separaram. Existem discursos que cansam e fazem dormir — assim como palavras boas se perdem, são ditas no ar. No meio de tudo isso, que sentido tem a palavra de Deus — a palavra de Jesus a seus amigos?

Não há dúvida de que a palavra de Deus também encontra cuvidos surdos e corações empedernidos. Para esses, ela caiu no vazio, foi dita ao vento. Mas o mais importante, na palavra de Deus, é que ela se identifica com aquele que fala. Jesus não usava apenas palavras: Jesus é a palavra que fala. Não se podem separar as coisas, não se podem fazer distinções. E é por isso que, quando Jesus fala

sobre o mundo, os homens e Deus — tudo isso tem uma relação com o próprio Jesus. Esse o motivo por que Jesus diz: “Eu sou a luz do mundo, eu me dou para a vida do mundo”. E porque Jesus tem a ver com Deus, com o mundo e com os homens — por isso é que toda a nossa vida é tão sacudida, tão atingida por sua palavra. Aquilo que Jesus diz continua penetrando na vida de todas as pessoas, em todos os lugares. E, de repente, Jesus mesmo está em todos esses lugares. E é por isso que em todos os lugares alguma coisa acontece com as pessoas e com o mundo das pessoas, quando Jesus fala. Mas vamos lembrar: é a palavra, é a presença de um amigo conosco. Assim é que essa palavra, muitas vezes, vai significar o auxílio de que alguém necessita, para não cair, para não ficar sozinho, para não afundar. Outras vezes, essa palavra será dura como a verdade e violenta como um soco no olho. Não são os bons amigos que nos dizem a verdade? Quem mente pode ser um amigo verdadeiro? Jesus não nos ilude. Jesus coloca as coisas como elas são. Porque ele quer ser um caminho que possa ser usado — e não um atalho que leva na direção errada. Jesus quer ser a verdade de nossa vida — porque ninguém consegue construir uma vida inteira sobre a mentira (seja no matrimônio, na instrução, na profissão, na política, na igreja, seja onde for!) E Jesus quer dar e quer ser a nossa vida. Como pessoas ou como povo, como igreja ou como nação nós não temos outra saída, quando a escolha é — vida ou morte.

Nós todos somos gente muito diferente (origem, capacidade, fé, situação social, realizações, destino). Mas, diante da palavra de Jesus nós todos nos tornamos muito iguais, tremendamente, assustadoramente iguais:

nós todos somos gente a quem está sendo oferecida a vida (e não a morte!). Oferta de um amigo. E nós sabemos que não podemos garantir nossa vida. Sabemos o valor e o significado dessa ligação de amizade com Jesus. Sabemos que estamos guardados e protegidos por esse Jesus — pela palavra desse Jesus — até mesmo quando a vida terminar.

Hoje é o Dia da Bíblia. Dia que nos lembra onde encontramos a palavra de Deus, a palavra de Jesus. Dia que nos lembra onde encontrar a palavra do amigo que quer conversar conosco sobre tudo o que acontece nesta nossa pobre vida. Jesus quer continuar o diálogo conosco.

Por isso: tempo (que foi dado e que se pode dedicar), aceitemos a humanidade dessa palavra (a Bíblia é sagrada, mas não é divina!), sofrer com essa palavra e vencer por ela (ouvindo, lendo e testemunhando), ser sinceros com essa palavra de um amigo (e dizer a ele quando duvidamos ou não entendemos ou não gostamos).

Quem não desistir dessa experiência, vai colher bons frutos naquela última hora, difícil e solitária. Talvez não haja mais forças para dizer. Mas será possível lembrar: O Senhor é meu amigo. E agora que estou atravessando o vale da sombra, da morte, não tenho medo. Porque sei que também nesta hora tu estás comigo.

Volte a usar sua Bíblia, irmão! Aquelas velhas-novas sempre novas palavras são ainda mais necessárias que o ar que respiramos. Não se impressione muito com as muitas palavras que são ditas por dia neste mundo.

Fique com as palavras do amigo. Palavras que dizem tudo sobre Deus o mundo e os homens. Palavras que dizem tudo sobre nossa vida.

(Juiz de Fora — 12-12-71)

VELHO E NOVO

Quanto a mim, bom é estar junto a Deus; no Senhor Deus deposito minha confiança, para proclamar todos os seus feitos.

(Salmo 73.28)

E então, que é que restou do Natal? A festa acabou, o comércio fez ou não fez suas vendas — e um ano novo vem aí. Claro, alguns vão engatar uma festa na outra. E depois da passagem do ano, vem a certeza da ressaca. Entendam bem: não estou pensando na ressaca alcoólica. Existe uma outra: a certeza de que em janeiro tudo acabou e passou. Como um sonho. Sonhos podem ser até bem agradáveis. Mas não se pode viver só de sonhos. A pior ressaca vem quando a gente calcula: já passaram tantos natais, tanto fim-de-ano já foi comemorado — mas o mundo continuou o mesmo. Pior ainda: eu continuei o mesmo — apesar de todas as promessas e bons propósitos...

A gente está mesmo falando no pior — e vem o homem que escreveu o Salmo 73 e fala daquilo que é bom: bom é estar junto a Deus. E todo o Evangelho do Natal nos anuncia justamente que Deus está junto de nós. Mas a pergunta que logo se levanta é esta: **Como** é que

Deus está perto, junto de nós? E por que isso é bom?

Para que a questão não pareça idiota, vamos partir para um exemplo. Todos conhecem o Morro do Imperador. Ninguém duvida que esse morro exista, com monumento, mirante e torre de TV. É agradável saber que o morro está lá, que se pode ir lá ou então dar uma olhadinha daqui debaixo. Agora, para nossa vila não é decisivo que esse morro exista. Se ele desaparecesse, por qualquer motivo, seria aquela sensação. O Diário da Tarde nem teria letras suficientemente grandes para anunciar o fato. Mas três dias depois, um novo assassinato seria mais importante e mais interessante. E o assunto teria acabado. Nossa vida não teria sido atingida pelo desaparecimento do morro. Bem, acontece que o Morro do Imperador continua no mesmo lugar. Ele existe. Mas não mexe com nossa vida diária. Pronto.

Para muitas pessoas, Deus é assim como o Morro do Imperador. Se um sujeito chega e diz: “Essa conversa de Deus é pilhada. Tudo conversa fiada. Isso é negócio de Igreja — e negócio bem rendoso — essas pessoas ficam horrorizadas. E protestam. Essas mesmas pessoas também são capazes de admirar aqueles que dedicam toda uma vida a Deus. E quando vem um

desses sermões que falam de um herói da fé, essas pessoas ficam todas arrepiadas — e dizem que o pregador falou “muito bem”... Mas também é só. “A vista do Morro do Imperador é sua vida? — Bom, quer dizer, é linda!” Ah é? Mas qual é o papel que o Morro desempenha, o que é que eu tenho a ver com o Morro. uai?

O Evangelho do Natal nos diz que Deus está perto, junto de nós, assim como uma pessoa amiga fica ao nosso lado, na hora difícil. No entanto, será que isso é bom? Será que nós achamos isso bom? Afinal de contas, nós podemos evitar a presença de qualquer pessoa. Podemos afastar-nos, esconder-nos fugir. Mas a experiência da vida nos ensina que é impossível escapar de Deus. Em qualquer direção que a gente for, sempre se acaba tropeçando na manjedoura ou na cruz. Isso é bom?

A primeira impressão que se tem, é que isso é perigoso. Porque toda a nossa vida diária é uma única tentativa para colocar Deus lá no Morro do Imperador. Ele fica lá — e eu vou dar uma voltinha na rua Halfeld. Ele fica lá — e eu vou resolver meus negócios. Ele fica lá — e eu vou matar aula ou tomar um trago ou dar dinheiro pra mulher fazer mais um aborto. etc. Ele fica lá — e eu vivo minha vida aqui. Ele fica lá — e eu vou ao meu culto. Antes do culto, durante o culto e após o culto, eu estou pensando bandidheira — e ele fica lá. A gente separa direitinho o campo: Deus pra lá e eu pra cá. Essa separação se chama pecado. É uma parede inútil que nós edificamos. Mas o triste é que construímos essa parede inútil com as próprias mãos.

O Evangelho do Natal nos informa que Deus atravessa a pa-

rede, que Deus derruba a parede para estar ao nosso lado. Isso pode ser motivo de alegria, e por isso o Natal é uma festa. Por outro lado, os tijolos da parede demolida por Deus caem sobre nossas cabeças, e por isso o Natal é uma festa séria! Uma festa urgente! Uma festa que lança a pergunta: É bom que Deus habite entre os homens? É uma festa que exige resposta: Você acha bom que Deus esteja frente a frente de você?

E você retruca: Mas estará Deus tão próximo? Se Deus estivesse junto de nós, seria tão gostosa a vida dos canalhas? Se Deus estivesse mesmo perto de nós, poderia haver tanta injustiça, tanta maldade, tanta mentira? Poderia haver tantas vítimas da fé, do amor, da verdade? Se Deus está perto, por que é que ele silêncio? Vale a pena viver, diante de tanta luta perdida, depois de tantas decepções?

Meu irmão, você tem razão quando faz todas essas perguntas. Você tem razão quando reconhece que janeiro acaba com todas as boas intenções e com todos os sonhos. Ninguém pode acabar sozinho com todos os seus pecados. E ninguém pode responder sozinho a todas as questões que a vida nos coloca. Mas você não tem razão, se ficar parado neste ponto. Porque Deus está bem perto de você, junto de você, na escuridão do pecado e na angústia das questões abertas, sem resposta. Deus quer estar conosco naqueles momento e naqueles lugares em que ninguém mais nos acompanha.

Se a gente só fica olhando para si mesmo, a vida não tem mais saída. O importante é saber que podemos olhar também para Deus. Assim como somos

e vivemos. Sem disfarces nem desculpas. E se Deus derruba a parede, por que não depositar nele a confiança? Por que não fazer essa última experiência, já que todo o resto falhou?

A Bíblia é muito humana. O homem que escreveu o Salmo 73 tinha as mesmas dúvidas e experimentou as mesmas angústias que nós. Porque era uma pessoa como nós. Assim sendo, por que não repetir as palavras dele? Por que contentar-se com boas intenções e sonhos e ilusões, que não duram todo o janeiro? Por que não confiar em Deus, que dura o ano inteiro e todos os anos?

Nós não sabemos o que vai nos acontecer em 72. Ninguém sabe. Alguns estão prevendo coisas ótimas — e outros imaginam o pior. Mas todos sentem o mesmo medo!

Agora, quem está com Deus,

talvez ainda sinta algum medo — mas não afunda mais no medo. Porque pode confiar. O que faz uma grande diferença.

Qual é a diferença? Coloco minha confiança no Senhor, para proclamar os seus feitos.

Meus irmãos: deixemos de ser consumidores de religião. Deixemos de nos satisfazer apenas com o Deus para nós. Isso é que torna vazia a vida de tanta gente.

Em vez disso, pensemos naqueles que só enchem a cara, que só sabem ler horóscopos, que têm medo como nós. Esses também estão procurando, também estão perguntando. Sejam comunidade para os outros, para essas pessoas. Nós podemos ser uma comunidade assim. E por isso devemos sê-lo. Também em 72.

(Juiz de Fora — 31-12-71)

UMA CRÔNICA:

LIBERDADE CRISTA

Quanto mais restrições são impostas à liberdade, tanto mais desejamos vê-la restabelecida, tanto mais ansiamos por vivê-la. É bem verdade que cada um sente e entende a liberdade à sua maneira. Mas o importante é que todos concordam num ponto; a liberdade é uma das mais preciosas e belas dádivas, em nossa vida. Em última análise, para não sermos desumanizados, precisamos de liberdade, de justiça, de paz. Tudo isso está relacionado, na vida de cada homem e na existência de toda a humanidade.

Mas existe outro desejo que igualmente acompanha a vida de qualquer pessoa: cada um

quer ser dono de si mesmo. E todos confundimos isso com liberdade. Por isso mesmo, vale a pena lembrar: o dono de seu próprio nariz, no fundo, não passa de um espião de si próprio. De tanto querer governar-me, acabo sendo obrigado a fazê-lo. E, se estou sendo forçado a fazê-lo, já perdi minha liberdade. Por isso é que cada um de nós se torna um escravo de si mesmo. O resto são consequências dessa primeira confusão: Será que vai dar certo? E se os outros não permitirem? E o medo! E a inveja!

Não é por acaso que o Evangelho se constitui na mais jubilosa mensagem de liberdade, pa-

ra cada pessoa. Só a Verdade pode libertar alguém. E nós sabemos e cremos que a Verdade não é uma teoria (que se modifica de vez em quando), mas uma Pessoa chamada Jesus Cristo. Nesse sentido, pode-se resumir o Evangelho numa sentença: Cristo libertou todos os que são escravos de si mesmos, escravos de outros e escravos de todos e quaisquer poderes. Nossa vocação chama-se liberdade. Onde se encontra o Cristo, existe liberdade. E nessa liberdade pode-se permanecer!

Assim sendo, cada novo dia de nossa vida encerra um renovado convite, um apelo à liberdade que já nos foi presenteada. Todas as leis humanas contêm uma limitação à liberdade. Mas o Evangelho determina a liberdade! Podemos sair de nossa própria prisão e iniciar nova caminhada, abandonando tudo o que nos estava ameaçando e impedindo novos horizontes. O Cristo abriu todos os cárceres. Para sempre!

Essa liberdade (que não depende dos outros nem das circunstâncias) nos foi dada para ser vivida na prática diária. E todo aquele que a viver, sentirá seu efeito benéfico, os reflexos à sua volta. Justamente porque todos querem ser livres, é importante o exemplo e a palavra da verdadeira, da genuína, da completa libertação. Lutero foi um cristão que procurou proclamar e viver a liberdade cristã. E é, talvez, por essa razão que um de seus primeiros livros, versando esse tema, continua sendo uma fonte de inspiração até hoje, em todo o mundo. Em última análise, cada culto pode ser considerado uma festa da liberdade. E cada exemplar da Bíblia, o documento básico da libertação que veio para dentro deste nosso mundo — para ficar!

(Juventude Cristã - n.º 7, 1967)

ENTREVISTA :

É POSSÍVEL SER CRISTÃO FORA DA IGREJA?

Considera-se ligado à Igreja? Como?

Não. Só me considero como sou plenamente, membro do povo de Deus, do corpo de Cristo. De que maneira? Através do batismo cotidianamente reatualizado, em termos de vivência, de testemunho. Através da audição da palavra de Deus, em cada novo dia. Através da participação na Santa Ceia, que reitera o encontro com o Cristo e a comunhão com os irmãos. Através do diálogo com qualquer ser humano, nas mais diversas circunstâncias. Houve um momento em que, para poder realizar e viver plenamente tudo isso, se tornou necessário (para mim) interromper as atividades paroquiais (no sentido restrito).

Acha indispensável participar da vida da paróquia para ser cristão?

Depende do que se entende por "vida de paróquia". O cristão sempre vive em comunhão

com os irmãos, pelo simples fato de ser parte integrante de um Povo, de um Corpo. A forma dessa comunhão é que varia (e muito). Seja como for, não se pode conceber uma comunhão que não se abra para o testemunho no mundo e para o mundo (assim como o Cristo é Senhor do mundo, no mundo e para o mundo). Se for esse o denominador comum da "vida da paróquia", será indispensável a participação, justamente "para ser cristão". Existem, porém, paróquias, cujas estruturas estão de tal maneira deturpadas que só resta uma alternativa ("para ser cristão!"): retirar-se o mais depressa possível. Porque a indiferença, a mornidão são altamente contagiosas.

Considerando que a fé sobrevive isolada; e que a fé tem expressão concreta nos assim chamados "frutos", como se concretiza o seu ser cristão?

A partir do que afirmei na primeira resposta, tenho procurado concretizar meu "ser cristão", especialmente, no âmbito do movimento ecumênico. Como? Empregando o conjunto do que sinto serem as dádivas que Deus me deu, em benefício dos esforços que visam dar expressão nova à (já existente) unidade da Igreja de Jesus Cristo. Escolhi e aceitei empregos que tivessem alguma correlação com essa tarefa (e que "financiassem" o tempo que dedico ao ecumenismo). Artigos, conferências, grupos de estudo e debate constituem (para mim) campo de atividade pastoral, de encontro e diálogo com o ser humano concreto. Como co-fundador e atual Secretário Geral do Centro de Ecumenismo do Rio de Janeiro, como assessor de praticamente todos os empreendimentos ecumênicos da Guanabara, creio que estou tentando, de modo que me parece válido, "ser cristão". Não conto mais

porque pareceria "propaganda". E não respondo aos críticos, por dois motivos: 1.º os construtivos sempre vêm falar comigo no sentido de ajudar a mim e à causa; 2.º os outros podem ir plantar batatas.

Que papel tem a estrutura na Igreja?

Somente um: servir de instrumento para o plano salvífico de Deus no mundo. Daí resulta que a Igreja tem de assumir, sempre de novo, características de povo peregrino, que abandona terreno conhecido, rumo a horizontes novos e, por isso mesmo, desconhecidos. Sempre que a Igreja se assusta diante da jornada e se "instala", tem início a perversão (que mencionei acima). E não acredito em "reformismos graduais" de estruturas superadas. Só acredito que justamente a fé em Deus nos capacite a adotar soluções criativas e originais, nesse campo.

Desejamos continuar
enviando nossa
publicações.

Você deseja
continuar
recebendo ?

—
**RENOVE SUA
ASSINATURA**

RESSURREIÇÃO

Quando os evangelhos relatam a ressurreição de Jesus, o começo é sempre a descrição de uma situação que todos nós conhecemos bem: alguém morreu — e aqueles que amavam o morto, estão enlutados e sofrem. A Páscoa efetivamente, nos lembra que a morte é a grande inimiga do ser humano: a morte não é apenas o fim natural da vida — é a destruidora da vida.

Evidentemente, os Evangelhos não dizem apenas que Jesus desapareceu e depois surgiu de novo. A morte não é uma brincadeira de esconde-esconde. A morte sempre tem alguma coisa de definitivo. E aquilo que é definitivo, não tem continuação. O que é irreversível, não tem modificação.

Quando falam da ressurreição, os Evangelhos nos contam, em primeiro lugar, a história de uma destruição. Deus destrói aquilo que era definitivo e irreversível. É toda uma realidade que acaba, é um mundo inteiro que termina. Se a morte é destruidora da vida — a ressurreição de Jesus é a destruição da morte.

As conseqüências dessa destruição da morte não são fáceis. Por quê? Porque nós só conhecemos esta vida que nós levamos. E toda a nossa vida está construída, está organizada na base da morte que um dia vai acontecer. Basta um exemplo: quando duas pessoas casam, no meio de todos os festejos e brindes, eles estão assinando uma porção de papéis que já fazem a previsão de quem vai ficar com que, quando um dos dois morrer. E quase todo mundo acha muito normal acumular um patrimônio que será dividido entre os filhos e outras pessoas — quando a morte vier.

Quer dizer: quando a Páscoa nos fala da destruição da morte, estamos sendo informados da demolição de uma base importante de toda a nossa vida organizada (pessoal, familiar, profissional, política e social).

E em segundo lugar, quando os Evangelhos falam da ressurreição, estão contando a história de uma construção.

LANÇAMENTO QUE VOCÊ NÃO PODE PERDER
SALVAÇÃO HOJE

Do Bispo Mortimer Arias

SALVAÇÃO HOJE, de autoria do Bispo Mortimer Arias, da Igreja Metodista da Bolívia, transmite impacto profético da Conferência de Bangcoque sobre SALVAÇÃO, promovida pela Comissão de Missão Mundial e Evangelismo. Fala-nos numa linguagem que é inconfundivelmente nossa; repreende nossa infidelidade com zelo pastoral e fervor missionário; e nos introduz na análise da missão que está diante de nós.

SALVAÇÃO HOJE precisa ser lido por todos aqueles comprometidos na EVANGELIZAÇÃO, pois apresenta uma reflexão profundamente bíblica sobre o testemunho cristão na atualidade.

Uma edição conjunta de

TEMPO E PRESENÇA E EDITORA VOZES

Maio — em todas as livrarias

Ou pedidos diretos à

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

Caixa Postal 16082 — ZC-01

20000 — Rio de Janeiro, GB